



# 1. Grande Mal

Hoje vejo o acontecido como o epílogo irrevogável da psicose colonial nas Américas, que eu preferia ter sido apenas mais uma mentira ditada pelos vitoriosos e não a verdade choramingada por outra derrota, agora sem dúvida definitiva. No começo, os cinquenta kaajapukugi iriam para o Canadá. Tendo saído da Amazônia, de um lugar mais quente que o inferno e onde as chuvas equatoriais já não caíam tão caudalosas quanto no passado, dificilmente se adaptariam aos rigores negativos do clima canadense. Assim, terminaram em Oaxaca.

Se a zona árida da planície daqui não servia para eles, nada mais no mundo se parecia com a selva amazônica ou com aquilo que restava dela, algumas dezenas de hectares de árvores agonizantes em vias de serem calcinadas pelo sol. Os kaajapukugi, uma tribo isolada que recusava contato com o homem branco, viviam numa paisagem desertificada sem estarem preparados. Faria enorme diferença virem para cá. Eram caçados onde nasceram. A saída foi levá-los para as montanhas perpétuas de Huautla.

Não passavam de cinquenta kaajapukugi, últimos sobreviventes de seu povo, suas últimas cinquenta cabeças postas a prêmio. Fui encarregado do caso pelo secretário federal de imigração, um imbecil indicado ao cargo pelo Partido Revolucionário Institucional. O fato de ter me colocado à frente disso deve ter sido o lampejo final da monótona vida sináptica daquele desprivilegiado pelos neurônios, uma última e desesperada justificativa de sua existência inútil.

Então eu saboreava meus sofrimentos de burocrata empilhado num escritório da Comissão Nacional para o Desenvolvimento dos Povos Indígenas, a meio caminho do

ventilador e do fichário, e a cerca de um braço da mesinha onde a garrafa térmica do café exalava seus últimos suspiros. Meus pais haviam morrido fazia um par de meses, como se tivessem combinado, para me perturbar de uma só vez e por todas. De modo que, além de órfão recente e herdeiro de um velho casarão no centro histórico de Oaxaca, eu também era um solteirão de meia-idade, e já não tinha esperança de casar ou ter filhos.

Por aqueles dias me pareceu que o mérito dessa experiência, participar de um episódio da desventura dos exílios políticos (talvez a situação mais inesperada e drástica dessa história tão comprida, até mesmo absurda, uma fuga conjunta daquele complexo penitenciário continental que é a América do Sul), seria uma maneira de relevar o luto e a solidão na qual me encontrava. Era, quem sabe, minha última oportunidade de cuidar de alguém, de atribuir algum sentido à minha vida e às de outras pessoas.

Em resumo, tratava-se da última aposta na sobrevivência dos últimos cinquenta kaajapukugi a partir da última ideia (que também foi sua primeira e única) de um político medíocre, levada adiante pelo último sertanista e por um velho mazateco recém-enviuado que representava o último de sua linhagem xamânica. Eu também estava nas últimas. Não tinha como dar errado.

Eu me considerava mais ou menos qualificado para encabeçar a missão, um antropólogo interessado por línguas mortas, cujo trabalho de muitos anos consistiu quase inteiramente em despachar ônibus decrepitos com trabalhadores rurais à zona agrícola ou, com menor ou maior frequência, preencher certidões de nascimento e óbito a granel. Seria minha única investigação da língua desconhecida de uma etnia em extinção, com o acréscimo ditado pela sorte, ou pela desgraça (hoje não sei dizer bem), de conviver com seus remanescentes definitivos. Além de tudo, andava necessitado de amigos, talvez até mais do que os kaajapukugi.

Descrito assim poderia parecer oportuno, mas o secretário de imigração nunca teve ideia digna de nota, e de novo estava

equivocado: a situação toda parecia fadada a erros de avaliação aos quais os envolvidos, eu incluído, fomos levados pelo desespero. Contudo, se tem algo que não pode ser atribuído a uma só pessoa nesse caso, é a culpa. O epílogo estava escrito, só que ninguém mais sabia ler. A história nos trouxe a esse ponto cego e, como em toda situação parecida, a culpa devia ser endereçada à espécie humana, ou ao menos àquela parcela que ainda merecia ser identificada por qualificação tão flexível: aos humanos humanitários, por assim dizer, ou aos melancólicos que sobreviveram ao cinismo.

O exílio dos cinquenta indígenas recebeu razoável atenção da imprensa mundial. Uma epidemia de imagens dos kaajapukugi em trajes cerimoniais muito velhos, pertencentes a seus ancestrais, trançados em palha de urtiga, passando pelo detector de metais (toda uma incongruência) contaminou linhas do tempo por duas ou três semanas. Tamanho interesse se deu por conta da narrativa repleta desses atrativos que a audiência adora: sua morbidez inegável, a violência sem quaisquer justificativas, e ao final, à guisa de diamante da coroa, um enigma insolúvel. Ato contínuo, tudo desapareceu da memória pública em poucos dias, sem deixar vestígio.

Foi o primeiro caso da história das colonizações no qual um povo ameríndio inteiro, os cinquenta kaajapukugi remanescentes, pediu asilo político em outro país. Eram os últimos falantes de uma língua quase desconhecida, uma estranha língua mestiça que, embora carregasse algo do dialeto yepá-mahsã, ao ser ouvida pela primeira vez, parecia alienígena, tais eram suas diferenças com as duzentas e tantas línguas originárias do Brasil de décadas atrás, uma estufa de etnias que já não existe mais. Os kaajapukugi pediram refúgio, levando todos os seus sobreviventes, pois o meio ambiente de onde eram nativos, a Amazônia, estava morto, e vinham sendo caçados com determinação pelo Estado e pelos seus agentes de extermínio: garimpeiros, madeireiros, latifundiários e seus capangas habituais, policiais, militares e governantes.

Essa opção extrema só foi possível graças às negociações com

o Estado travadas por Boaventura, sertanista da Fundação Nacional do Índio brasileira, um homem que dedicou sua vida à defesa dos kaajapukugi, e que visitou Oaxaca às vésperas de ser iniciada a viagem dos seus protegidos para o exílio.

Por muitos anos, Boaventura foi o modelo a ser seguido no tratamento dos povos isolados. Dele, sabia-se apenas que nunca obteve estudos formais, o que talvez tenha resultado em sua produção quase nula de estudos etnográficos, e de sua coragem em campo. A certa altura da vida ele se isolou no Alto Purus, de forma parecida com os índios que defendia, tornando-se o símbolo de um mundo que era destruído velozmente, em parte devido à extinção das novas demarcações de reservas indígenas e do cancelamento das antigas. O conflito continental da aliança entre Brasil e Colômbia contra a Venezuela só agravou a situação. Aos poucos, deixaram de aparecer histórias quase fantasiosas de seu combate aos invasores das terras kaajapukugi, o que chegou a ser confundido com algo positivo. Afinal, se não apareciam mais manchetes catastróficas sobre genocídios indígenas nos jornais, talvez os kaajapukugi continuassem vivos, e Boaventura devia seguir flutuando em seu barco no horizonte fluvial, quase misturado à paisagem amazônica que o projetou para a fama. Se a ingenuidade costuma ter um final, a cobiça e a violência nunca têm limite. Quando enfim apareceram notícias de Boaventura, vieram através da fotógrafa britânica Sylvia Maria Fuller, principal responsável pela menção ao nome dele sempre vir sucedida de mistério.

Os contatos de Sylvia Maria Fuller no departamento de antropologia da Universidad Nacional Autónoma de México a conduziram ao secretário federal de imigração, que logo acionou meu chefe, um homem cuja presença no escritório se resumia à figura do seu avatar na forma do brasão da equipe do Cruz Azul, que aparecia de tempos em tempos em minha tela quando ele enviava mensagens. Naquela ocasião, era um alerta da chegada próxima de Boaventura a Oaxaca. O brasão do Cruz Azul continuou a pulsar, afirmando que a tarefa de acompanhá-lo não seria muito simples. É um homem com mais de oitenta anos e

fama de difícil, digitou o chefe. Além disso, a sra. Fuller ressaltou que ele não anda bem de saúde. Segundo ela, seria ideal que nem mesmo viajasse, mas Boaventura deseja conhecer a área da serra reservada aos índios. Ele já esteve no Canadá, prosseguiu o cintilante avatar do Cruz Azul, e parece que saiu de lá meio perturbado.

Na impossibilidade de se obter apoio dos países fronteiriços (a guerra de oito anos contra a Venezuela impediu o diálogo), cujos biomas se aproximavam da região dos kaajapukugi na bacia do rio Purus ao sul do Amazonas, ou daquilo que era possível encontrar ali duas décadas atrás, antes da destruição do bioma amazônico, Boaventura, incumbido de buscar asilo político para os indígenas, tinha aceitado a proposta do Canadá, a princípio o único país disposto a recebê-los. O avatar do meu chefe vacilou ligeiramente (a demora na digitação da mensagem seguinte sugeria isso) e, pouco antes de sumir sem se despedir como de costume, relatou o sucedido na viagem segundo a descrição feita ao secretário por Sylvia Maria Fuller.

Boaventura chegou a Ottawa em pleno inverno, digitou meu chefe. Mal agasalhado, ainda a caminho do hotel, decidiu que faria o impossível até arranjar destino mais quente para os kaajapukugi. Nem chegou a desfazer a mala. Na manhã seguinte, após vagar pelas calçadas cobertas de neve, passou quase uma hora diante da imensa tela acesa na vitrine de uma loja que espelhava o parque às suas costas, repleto de plátanos desfolhados. No reflexo da vitrine, a desolação nevada sem vitalma ganhou contornos ainda mais gélidos. Observou os arranha-céus metálicos no horizonte, que ele sabia abarrotados de executivos empenhados em lucrar com as poucas commodities que ainda existiam no mundo. Não pareciam construções feitas por mãos humanas. Acabou deixando de comparecer à reunião decisiva arranjada pela OEA com funcionários do Ministério de Direitos Humanos canadense.

Na vitrine da loja, Boaventura se distraiu ao ver uma reportagem sobre o lançamento da missão chinesa a Marte no Cosmódromo de Baikonur, no Cazaquistão. Foi tudo o que fez

em Ottawa: acompanhar a lenta preparação do risonho casal de tripulantes chineses em simuladores de gravidade e imagens da estação marciana com o símbolo da missão estampado na lateral, um desenho meio apagado que lhe trouxe a lembrança igualmente nebulosa de algo que preferia ter esquecido. Na tela, legendas em inglês consideravam que aquela não era a primeira tentativa de enviar uma missão tripulada a Marte, mas talvez se tratasse da última. A câmera exibiu a tripulante despida da parte de cima do seu traje espacial, sua camiseta suada e o crachá de identificação pendurado no pescoço, e ela parecia bem menor que antes, quase uma menina com suas meias alaranjadas de bolinhas brancas. Sentada à mesa do refeitório, a tripulante comia sua refeição, um prato de lámen, e assim que o foco se aproximou de seu rosto redondo, ela sorriu para a câmera. Aquele sorriso torto, cujo canto esquerdo dos lábios se alçava um pouco acima do direito, e a brancura unânime dos dentes. Quando isso aconteceu, Boaventura deu dois ou três passos para trás.

Em seguida pegou um táxi para o aeroporto, sentindo-se desesperado, um desespero que foi amenizado ligeiramente quando continuou a assistir à reportagem com distraído interesse e indagação crescente enquanto aguardava o embarque, e logo evoluiu para uma coisa qualquer parecida com esperança. Depois tomou o primeiro voo de regresso a São Paulo, a tempo de pegar sua conexão até Brasília, concluiu o avatar de meu chefe antes de sumir de vez de minha tela.

Submergido nas nuvens sobre o Atlântico, Boaventura adormeceu e sonhou com Maria Sabina. Em sua juventude, assistira a um encontro impressionante com a xamã oaxaquenha num congresso, e a turbulenta aparição dela em seu sono (ao despertar, descobriu que o avião enfrentava uma tempestade) funcionou para que se recordasse dos antigos contatos de sua amiga Sylvia Maria Fuller na Unam. Ao chegar, mal suas botinas furadas tropeçaram nos tacos soltos do escritório da Funai onde cumpria expediente nos últimos tempos, observou que seus arquivos contendo anos de pesquisa tinham desaparecido, assim

como a cadeira de sua escrivaninha, cujo tampo revirado e inútil retribuía seu olhar sem sentido. Embora soubesse que em poucos dias o escritório seria fechado em definitivo, ainda assim aquilo lhe pareceu suspeito. A Funai não passava de um tipo de almoxarifado onde o Estado depositava velhos trastes, o que parecia incluí-lo. De todo modo, exceto pela linha telefônica em funcionamento, uma verdadeira relíquia, era como se o escritório já estivesse fechado há anos.

Ao falar com Sylvia Maria Fuller, Oaxaca logo surgiu como escolha sem dúvida mais promissora, por não ser distante da América Central, mas também pela eficácia de nossas políticas indigenistas, que já duram décadas. Maria Sabina lembrou Boaventura disso no sonho, e ele pousou no aeroporto da capital do estado cerca de um mês depois, no início da primavera, onde eu o aguardava com o chapéu nas mãos e a chave do jipe no bolso. Revelou seu sonho com Maria Sabina quando rodávamos em direção ao norte. Além de se satisfazer com minha prontidão para recebê-lo, entendeu como bom presságio o fato de Maria Sabina também ter sido minha professora. Não teria dado maior atenção ao sonho, caso ocorresse em terra firme. No entanto, é necessário ficar atento aos sonhos que temos ao sobrevoar a superfície deste planeta: e em meu sonho, disse Boaventura, ela me apontou, sem nenhuma possibilidade de engano, a cicatriz escura no mapa de Oaxaca que representa a serra de Huautla, território dos índios mazatecos.

É o lugar ideal, difícil entender como não pensei nele antes, concluiu Boaventura. De olhos na estrada e no perigo de algum animal noturno cruzar à nossa frente, sem poder olhar diretamente o meu companheiro de viagem no banco do passageiro, eu era obrigado a me contentar com sua voz rouca que ressoava à direita e com a lembrança de encarar, não sem certa timidez, suas ruínas faciais ao retirar a mala de sua mão na chegada. Ainda no primeiro contato com os kaajapukugi na juventude, ele tinha sido flechado no rosto. Equilibrava-se em pé numa canoa que deslizava por um igarapé estreito do Purus, quando a flecha varou suas bochechas de um lado a outro,



dilacerando-lhe a língua. Graças a esse dia em que provou como se sente um porco-espinho, conforme costumava contar a recém-conhecidos, e ao sotaque meio capenga usado ao se comunicar em espanhol, nem sempre era possível compreender o que ele dizia. As últimas sílabas das frases de Boaventura se perdiam no limbo entre o dito e um sussurro que morria no silêncio.

A vegetação da serra começou a se adensar quando ultrapassamos o limite da reserva, e o volante do jipe vibrava sob o esforço despendido por minhas mãos a fim de superar os buracos da estrada. Com gestos de satisfação, debruçado à janela, Boaventura observou as árvores de mais de sessenta metros e a distância longilínea das grandes bromélias e orquídeas que estendiam suas sombras sobre a mata à luz dos faróis. Aos seus olhos, aquele ambiente configurava a reserva indígena prometida aos homens kaajapukugi, a seus amigos de tantos anos e a quem estranhamente ele nunca dirigira a palavra, cujo sofrimento por verem sua terra invadida e sua nação exterminada foi levado ao extremo por um fato que punha em xeque o próprio sentido da expressão “reserva indígena”, segundo Boaventura, já que entre eles não restava mais nenhuma criança. E a suprema infelicidade: já não restava nenhuma mulher. O futuro não lhes reservava grande coisa.

O genocídio dos kaajapukugi havia sido deflagrado no final do século XIX, após o êxito tão improvável de sobreviverem a quatro séculos da presença do homem branco no continente, que os obrigava a seguir penetrando, a cada ano, a cada mês, dia e hora, mais e mais léguas de selva, em fuga permanente da perseguição fatal das epidemias de sarampo e gripe trazidas pelos invasores. Após se aproximarem de seringueiros a fim de obter ferramentas metálicas — picaretas, enxadas e facões a serem usados nas suas plantações de mandioca e batata-doce, objetos dos quais se tornaram dependentes a partir do instante em que os descobriram —, doenças dizimaram a maior parte do grupo.

A mortandade os levou ao completo isolamento, disse Boaventura enquanto percorríamos ruas desabitadas do vilarejo

*image  
not  
available*

Entreveros entre os dois povos passaram a ser comuns, quase sempre causados pelas diferenças de hábitos e crenças, mas o felino não demorou a notar o poder regenerativo da cauda do lagarto, que se renovou e cresceu. Os membros felinos aderiram às reptilidades do lagarto, por assim dizer, e o grande gato se curou. Desentendimentos cessaram ou se tornaram um modo silencioso de evitar assuntos inacessíveis à compreensão de um gato, disse Boaventura, ou vice-versa, problemas felinos que sob nenhuma hipótese receberiam atenção do lagarto.

Com deleite, El Negro acompanhava o relato do convidado, os olhos fechados enquanto tragava o cachimbo e expirava volutas de fumaça que eram chupadas pelos raios do sol para fora da janela tão larga e baixa que chegava ao rés do chão, onde era possível ver do lado de fora a criança faminta que nos seguiu. Estava ali sentada entre os pés de agave do jardim, se refestelando com quesadillas que as mulheres, avermelhadas pelas chamas do fogão à lenha, de tempos em tempos lhe estendiam em pratos de plástico vermelho, verde e amarelo.

O fim da contenda resultou num traço comportamental curioso, uma distorção incomum no temperamento indígena, disse Boaventura, decorrente da decisão de não lutarem mais entre si, de preservar uma convivência pacífica. Essa decisão, que excluía a resolução de contendas por meio do diálogo, talvez tenha se devido às diferenças linguísticas, outra fonte de problemas. Pra não brigarem, se calavam, e ao se calarem eram tomados por uma grave melancolia que os obrigava ao afastamento dos demais, a se isolarem na selva. Aquele povo recém-formado passou a enxergar a si próprio como um grande gato selvagem com a astúcia do camaleão. Parte de seu sofrimento decorria de compartilharem um único organismo. Sendo assim, a estrutura social que os abrigava eliminou níveis hierárquicos e a existência de caciques. Também não tinham pajé pra mediar seus conflitos pessoais. Os atuais kaajapukugi são um povo anárquico, não aceitam nenhum tipo de liderança.

A visão da mesa oferecida pelas mulheres mazatecas arrancou das feições esburacadas de Boaventura um leve tremor de alegria

*image  
not  
available*

vocacionados como d. Pedro Casaldáliga, sim, disse Boaventura com suas cicatrizes bem próximas da câmera do computador, eu o conheci em São Félix do Araguaia nos anos 80. Mas eu já não dava atenção ao que Boaventura dizia, não mais, apenas admirava os buracos e a elasticidade da pelanca e das rugas de sua cara na tela do computador. Enquanto ele descrevia o trabalho do abnegado padre espanhol, eu observava os movimentos realizados por seus músculos faciais no esforço de atribuírem humanidade a uma expressão tão esfacelada, concluindo que aquela ferida o coroava com a mais alta dignidade. Afinal, podia olhar Boaventura de frente. Me arrependo de ter feito isso, então eu não compreendia o que via nem o que fazia.

A aterrissagem dos kaajapukugi no aeroporto de Oaxaca, num voo direto de Manaus fretado pela organização não governamental Survival International, comoveu os mexicanos. Centenas de pessoas os aguardavam atrás das barreiras de segurança preparadas pela polícia. Registrada por drones, a descida dos cinquenta homens pela escada do ERJ-145 foi transmitida on-line para o mundo inteiro, rivalizando com notícias do envio da missão chinesa para Marte.

Os kaajapukugi trajavam vestes cerimoniais de palha inteiriças com chapéus e máscaras que lhes deixavam à mostra apenas a parte inferior das pernas. Não carregavam bagagem ou sacolas, e pisaram nos degraus em ritmo pausado e uníssono, como se provassem com os pés descalços o material de que eram feitos, até atingirem o tapete tão vermelho quanto insensato estendido para recebê-los. Parecia a chegada à Terra de seres de outro planeta. Eu poderia descrever com tranquilidade o trançado e alguns detalhes do traje cerimonial que usavam, pois tive um deles emoldurado na parede da sala de casa. Deveria ter ido para o Museu de Antropologia de Xalapa, destino dos outros quarenta e nove trajes similares. Contudo, pouco antes da cena que testemunhei em Huautla se dissipar em investigações da perícia, eu o furtei. Foi um furto impensado, desconsiderando o estado vulnerável em que me encontrava então, após emergir de pesadelos induzidos pelo consumo ritual de tinsáanhán, e do

*image  
not  
available*

a sincronia de movimentos parecia regida pela repetição de milhares, de milhões de gestos de antepassados aplicados na construção de malocas através do tempo.

Segundo Boaventura, os kaajapukugi viviam em habitações coletivas onde todas as atividades necessárias à vida eram realizadas, exceto a caça e a pesca, assim como as plantações, ou a produção de venenos como timbó, curare e o rito sagrado do consumo de tinsáanhán, que ocorria numa ilha coberta de neblina. Igualmente, a eles era vetado morrer longe de casa: só poderiam ascender ao Primeiro Céu se morressem sob a maloca. Quando isso acontecia em outro lugar, era porque já não queriam viver. Movimentos repetitivos e cansaço, talvez, aguçaram minha audição, e então percebi o som que faziam, semelhante à vibração de lâmpadas fluorescentes, em frequência muito baixa, e entendi que se comunicavam. Ouvi o zumbido mais atentamente e notei que repetiam as mesmas frases ou palavras em acorde, seguindo uma estrutura melódica, como se cantassem. Os kaajapukugi cantavam, porém em volume quase inaudível. Olhei para o outro lado da clareira, em busca do paradeiro de El Negro, e ao cruzar seu olhar vi que ele sorria para mim.

As informações que pude obter através do único artigo escrito por Boaventura sobre a língua falada pelos kaajapukugi diziam que se tratava de uma língua aglutinativa, assim como o alemão ou, mais apropriadamente, o japonês. De fato, o ritmo prosódico daquela canção subliminar remetia a alguma língua oriental, porém algo nela se encontrava fora de lugar, como ocorre ao ouvirmos palavras de línguas orientais ou indígenas em tradução fonética para línguas ocidentais. O efeito de estranhamento era reforçado pela pronúncia nasolabial, que tinha algo de assovio ou sussurro anasalado sem evidência consonantal, no qual as vogais, acentuadas de modo tão variável e irrequieto, adquiriam completo protagonismo. Mesmo sem compreender, a partir de fragmentos que pude captar com extrema dificuldade e muitas dúvidas ao longo dos dez dias nos quais eles se ocuparam da construção da maloca, intuí que haviam mesclado de tal forma as

*image  
not  
available*



## 2.

### Apagar o sobrenome

No Alto Purus, 1980

Quando saí daquele cenário de aniquilação, após ser ouvido e liberado pela polícia, regressei ao antigo endereço de meus pais no centro de Oaxaca. Foi como se entrasse naquele casarão semiarruinado, que agora era meu, pela primeira vez. O ar estagnado nos cômodos cheirava a degeneração. Devo ter dormido por mais de vinte e quatro horas. Com isso, reuni coragem e sacos de lixo e comecei a esvaziar guarda-roupas, baús, estantes e cristaleiras de seu conteúdo, dos vestidos, calças, camisas, quinquilharias e livros. Joguei os sacos lotados na lixeira da calçada para serem recolhidos por gente mais necessitada que eu, apoiei os punhos na cintura e ergui a cabeça, triunfante. Do outro lado da rua, a melhor amiga de minha mãe, recém-enviuada, me censurou com o olhar.

Voltei a adormecer. Ao despertar, não sabia onde estava nem o que faria com os dias livres pela frente. Me sentia esvaziado como a estante da sala. Talvez não devesse ter sido tão drástico em meu desapego. Na maior parte de sua vida, meu pai foi um eminente professor da Faculdade de Letras e Filosofia, um homem de bem da sociedade oaxaquenha, portanto havia bons livros em sua biblioteca, que talvez um dia me fossem úteis. Bateu o arrependimento, e verifiquei através da persiana da janela se os sacos permaneciam na lixeira. É claro que estava vazia. Por acaso, vi um mendigo sentado no meio-fio. Lia, compenetrado, a primeira edição de *Pedro Páramo* com dedicatória de Rulfo que pertenceu ao velho, e que eu poderia estar relendo agora. Sentado ali na rua com as pernas cruzadas, o mendigo ganhava um inexplicável aspecto de monge chinês ou

*image  
not  
available*

de viver mais um ano sem a presença vital de meu pai, sem a violência de conviver com os problemas dele, e o luto atroz que tomou conta de mim acabou por me conceder a coragem, que antes disso eu não reunia em quantidade suficiente, pra partir em direção ao norte. Em Manaus me aguardavam dois amigos, um antropólogo norte-americano casado com uma fotógrafa britânica, George e Sylvia Maria Fuller. Lutavam pela sobrevivência dos yanomami, e me revelaram os primeiros sinais de um povo desconhecido que habitava a selva a oito dias de barco da região recém-visitada por eles, a partir do depoimento de alguns seringueiros de lá que haviam sobrevivido ao ataque dos indígenas. Ao me relatar isso, George foi severo em sua advertência: não vá até eles pois você não vai sobreviver e, mesmo que isso aconteça, disse, matará alguns, provavelmente todos. Diante de minha obstinação em prosseguir viagem, ele e Sylvia só puderam, com base nas condições e nos conhecimentos que reuníamos então, me pôr em quarentena a fim de investigar quais eram os riscos endêmicos que meu organismo carregava, os projéteis adormecidos em meu corpo que poderiam dizimar toda a população daquele povo desconhecido. Mas, como já sabia, eu estava limpo. O único vírus inoculado em mim naquela época era a tristeza desgraçada que carregava após a perda de meus pais. Essa tristeza me estimulava a destruir de vez o lastro que desejava me afundar, eu queria seguir livre por minha própria estrada, que afinal se revelou ser um rio. Parti no dia seguinte à alta dada pelos meus amigos, que seguiram em sua luta junto aos yanomami, então uma causa que começava a ganhar repercussão internacional. A jornada, como disse, não foi simples. A não ser pelo guia indígena que usaria a partir de minha chegada à cidade de Lábrea, a oitocentos e cinquenta quilômetros de Manaus, eu estava sozinho, e nem mesmo os mapas militares daquela região — defasados e ineptos, quase sempre pouco confiáveis por sua imprecisão — poderiam guiar meu caminho. Com o passar daquelas noites de introspecção saturnina, iluminada por dias pegajosos de calor e chuva intermitente, deparei de novo com as

*image  
not  
available*

antídoto pro marejamento a ser enfrentado na viagem. Vomitei apenas o suficiente pra desintoxicar meu organismo do álcool, e afundei na monotonia da paisagem amplificada pelo barulho repetitivo do motor. A vastidão aquática era extraordinária, e em muitos trechos do rio as margens se distanciavam de tal maneira que se tornavam invisíveis. Nos dois primeiros dias pudemos pernoitar em entrepostos instalados pelas madeiras que exploravam a região, e depois disso, por causa da segurança, dormimos a bordo sob a lona estendida pra nos proteger da chuva intermitente que caía. Com isso, a opção de ancorarmos em terra firme foi sendo eliminada, e aos poucos minha consciência ganhou refluir idêntico ao das águas. Graças à difusa luminosidade do sol oculto sob os rios flutuantes das nuvens que acompanhavam o leito do Purus, dias e noites passaram a se confundir, e eu já não reconhecia seus limites. O pinicar insistente das gotas de chuva na pele causava dor, e eu sentia que estava prestes a me metamorfosear em uma nova espécie anfíbia, a começar pelas frieiras que infestavam meus pés como líquens brotando entre os dedos. Essa praga entra dentro da gente, resmungava o tukano sem que eu compreendesse exatamente o que ele queria dizer, afundado no canto da proa onde estava. Sob a lona mofada, eu ouvia o popopó do motor e calculava a imensidão na qual meu guia índio e eu estávamos metidos, dois insetos numa casca de noz à deriva pelas águas escuras do rio refletindo as estrelas. A manhã leitosa do oitavo dia de navegação jorrou seu calor branco através da lona, me obrigando a abrir os olhos. Como o aguaceiro prometia nos dar uma trégua, recolhemos a lona e admiramos o céu aberto. Ao expor a cabeça à luz solar, eu já quase sentia falta da poeira da cidade grande, que entrava pelas janelas e caía sobre móveis e livros, cobrindo tudo, a herança paterna, as pegadas familiares. As pontas de meus dedos estavam enrugadas como se eu tivesse virado a noite debaixo d'água. O tukano, que ao longo da semana se manifestou somente sobre coisas pontuais, disse que aquela era a região onde os índios desconhecidos tinham sido avistados pelo garimpeiro. De sobreaviso, ele deixou ao alcance sua velha

*image  
not  
available*

de cicatrizar. O guia embicou o barco na correnteza e voltamos ao leito do rio, onde passamos a noite ancorados num rochedo. Na manhã seguinte, verificamos que as ferramentas tinham desaparecido. Em seu lugar deixamos novas ferramentas, uma picareta, um serrote, uma pá e um martelo. A operação se repetiu, eu começava a me satisfazer com os resultados. Na terceira noite, após a chuva amainar, recolhemos a lona e adormecemos completamente exaustos, acordei com batidas secas a bordo. Na popa, com seus dentes brancos à mostra, um selvagem de cara preta e olhos vermelhos martelava o crânio do guia tukano, cujos miolos sanguinolentos se esparramavam pelo fundo do barco, reluzentes sob a luz da lua.

Boaventura olhou fixamente para a câmera do computador e balançou a cabeça devagar, em sinal de negativa. Notei que os ruídos na gravação cessaram, e a não ser pelo ranger da cadeira onde ele estava sentado e mexia as pernas com nervosismo, o quarto mergulhou em quietude. Ouvi o vibrar de uma mensagem chegando em meu celular: o avatar de brasão do Cruz Azul que simbolizava meu chefe alertava que a polícia tinha contatado o escritório à minha procura. Só então percebi duas ligações de um número desconhecido, não atendidas porque deixei o aparelho no modo silencioso. Depois de pigarrear, Boaventura disse que não sabia como chegou até terra firme, apenas abriu os olhos e viu que estava no interior de uma maloca cujo teto parecia muito alto, e onde era possível ver as estrelas. Seus tornozelos pareciam azulados, atados pela trança de palha muito forte ao pilar central da maloca. Ele passou o dorso das mãos amarradas nos olhos e percebeu que sua cara estava coberta de sangue.

Com o passar das horas, notei que as fagulhas brancas que se mexiam como vaga-lumes na escuridão eram os olhos da indiarada, disse Boaventura. Recostados nas paredes de palhoça da maloca, me observavam com previsível curiosidade, já que em nenhum momento aqueles olhos que balançavam no breu se fecharam. Quando a manhã chegou, pude contabilizar as feridas: um galo na testa, outro inchaço na têmpora direita e o supercílio

*image  
not  
available*



bisbilhotasse sua maloca, não se importariam de serem acompanhados. Então os segui com considerável dificuldade no meio das folhagens, pois se moviam em arco como a ventania, arrastando-se em conjunto por sendas tortuosas entre as árvores. Às vezes sumiam, camuflados pela vegetação cerrada. Eu retomava sua pista um pouco ao acaso, ao ver um deles zigzagueando sob troncos gigantes, até a súbita visão do Purus, que surgiu tão largo quanto um cânion enfumaçado. Eu não tinha conseguido localizar o rio desde a noite do meu sequestro. Detrás dos arbustos, acompanhei os homens se acocorarem ombro a ombro na margem e lançarem às águas um fino pó amarelado que reconheci ser o timbó. Em poucos instantes, peixes coalharam a superfície, inconscientes ou mortos, e eles entraram e os colheram com as mãos como se arrancassem mato daninho da roça. Os peixes foram guardados nas cestas que alguns deles carregavam. Depois todos pularam no rio, sem algazarra ou falatório. A comparação talvez seja despropositada, mas lembrava um espetáculo de nado sincronizado. Eles deram braçadas em linhas exatas, deixando traçados geométricos com seus rastros na superfície, depois mergulharam em perfeita simetria, desaparecendo nas águas lamacentas do rio. Ficaram sumidos por um tempo difícil de calcular, e cheguei a pensar que tinham embarcado em canoas que os aguardavam na torrente central do Purus. Talvez tivessem atravessado a nado, o que é bastante improvável, ou prosseguido até alguma ilha escondida na densa neblina. Ressurgiram das águas do mesmo jeito que haviam desaparecido, num nado uníssono que os trouxe de volta ao barranco avermelhado da margem. Eles recolheram as cestas e entraram na selva. Em seu encalço por mais ou menos uma légua, tropiquei nas raízes assombrosas que saíam do mangue por onde seguiram. Fui forçado a sair do seu encalço pra arrancar uma lasca de graveto que espetou a planta do meu pé. Ao me sequestrarem, os selvagens tinham descalçado minhas botinas, talvez supondo que eu não conseguiria fugir sem elas. Foi assim que encontrei meu barco. Estava com seu motor de popa intacto, disfarçado